

O Itajubense **Benedito Raimundo Barbosa Botelho** é da turma de formandos de 1996 do então Instituto Eletrotécnico de Itajubá. Iniciou suas atividades profissionais na área de distribuição de energia elétrica na cidade de Guaratinguetá, contratado pela São Paulo Light (Eletropaulo, a partir de 1981), dali passando à gerência dos serviços de Taubaté, até assumir a superintendência regional do Vale do Paraíba, sediada em São José dos Campos. Encerrou sua carreira quando atuava como assessor da Diretoria de Distribuição da empresa, em São Paulo.

Em uma farta troca de e-mails com seus amigos da turma de 1964 (Assunto: NOSTALGIA) surgiram temas como os que hoje selecionamos para os nostálgicos leitores, verdadeiras CRÔNICAS do cotidiano da época. Em uma de suas mensagens, Raimundo referiu-se à famosa sorveteria de seu pai, que ficava junto à tradicional Casa Reny, na praça Cesário Alvim, que depois se tornou Teodomiro Santiago. Foi o que bastou para "cutucar" as lembranças do **Cesar de Barros Pinto**, dizendo que "ali se fazia o melhor sorvete do mundo, cantado e decantado por todos que o conheciam. Era um dos pontos fortes das minhas férias em Itajubá. Lembro-me da então moderna máquina Cattabriga que era responsável pela metade da qualidade do

RAIMUNDO BOTELHO De sonoplasta a engenheiro e de engenheiro a cronista

sorvete, uma vez que a outra metade era decorrente da fórmula e do carinho com que era preparada, como ficou provado com o passar do tempo. Ao que o Raimundo respondeu: "Lembrar-se da sorveteria é perfeitamente normal. Mas lembrar-se da "Cattabriga" foi demais... E a nossa foi uma das primeiras máquinas a chegar no Brasil, importada da Itália. Batia automaticamente o sorvete, sem necessidade da gente ficar junto à caçamba movimentando aquela colher de pau. A primeira "tiragem" foi uma festa. Todo mundo ansioso para provar... A última vez que a vi (já faz um bom tempo) ela estava "morando" ali no começo da rua Maria Carneiro, na Boa Vista, "pilotada" pelo Zito, meu ex-sócio, meu amigo e 'irmão-camarada'."

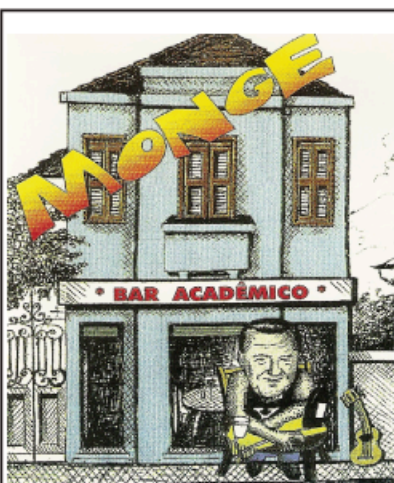
Clóvis Castro Gonçalves, seu colega de turma, tem inúmeras lembranças do divertido e espirituoso colega desde o curso Científico, bem-quisto por todos que com ele conviviavam, como a viagem de férias que fizeram em um grande grupo de amigos, para Ubatuba, palco de animadas partidas de futebol de praia, a viagem ao Rio para

assistir o jogo Inglaterra X Brasil e, no retorno, a passagem por Juiz de Fora, para assistir e torcer nos famosos Jogos Olímpicos em que a equipe do IEI brilhou. Isto em 1959, quando ainda cursavam o terceiro ano Científico.

Sobre sua habilidade de escrever falou-nos o **Wilson Marques**, da turma de 64, "dom que lhe era reconhecido desde que aprendeu as primeiras letras, segundo colegas que fizeram com ele o curso primário com a Dona Mimi, respeitada professora particular dos anos 1950 e para quem ele era o 'Netinho'. Apesar de ser cobrado pelos que já leram suas crônicas, ele as produz muito eventualmente, o que é uma pena. Foi essa habilidade que o levou a assumir a função de redator-chefe do DINAMO em 1964. Segundo ele, não chegou a ser excessivamente constrangido pelos censores do novo regime por existir na época um certo general Barbosa Botelho na alta hierarquia militar, que julgavam ser seu parente. E parente - verdadeiro ou suposto -, todos sabem, serve para muitas coisas..." E nos informa ainda: "Apesar de nunca ter cortado seu vínculo com Guaratinguetá, Raimundo reside atualmente em São Paulo, onde diz exercer importante cargo de direção: dirige o carro para todos os lugares que a sua esposa o manda ir."

DO PRIMEIRO BAR NUNCA SE ESQUECE

Do primeiro bar a gente nunca esquece. O meu foi o Bar Acadêmico, ao lado do Clube Itajubense, na praça Cesário Alvim, que depois virou Teodomiro Santiago. Na época eu era controlador de som no serviço de "alto-falantes" da Rádio City (o Newton Rocha Costa, locutor, me chamava de "sonoplasta"). A rádio funcionava no porão do bar e todas as noites, depois de fechar a porta do estúdio, eu levava a chave para o Zé Brito que era um dos proprietários e que ficava no caixa. Para chegar até lá eu passava por entre as mesas, sempre ocupadas naquele horário por célebres "habitués", dentre os quais eu me lembro do Estopim, do Celsinho e do Monge (com certeza, foi dali que nasceram algumas das suas grandes composições musicais). Pois bem, ao lado do caixa ficava a máquina de chopp, competentemente operada



BAR ACADÊMICO, eternizado na memória de seus antigos frequentadores e na Capa de CD do Monge

pelo Zé Giffoni, de onde saíam aqueles maravilhosos copos com três dedos de espuma e na pressão correta. Não dava pra não tomar pelo menos uns três...

Meu segundo bar era ao lado da casa do Airton Rennó, que o Nagibinho comprou e construiu ali o Hotel Presidente. O Bar Marabá fazia divisa com a casa do Airton, que tinha mesa cativa lá, juntamente com o Luis Braga, o Ferneti, o Zé Cabral e tantos outros. Pois bem...no intervalo das aulas do Cursinho que eu frequentava no prédio do então IEI, eu descia até lá para comer um sanduíche que o Paulo fazia com todo o capricho... pão na chapa, queijo prato derretido na panela, presunto e tomate. Num dia daqueles, o Zé Cabral retornando do toilette passou perto do balcão e me perguntou: que "negócio" é esse que você come quase todo dia aqui a essa hora?...e eu respondi: esse "negócio" tem nome de Bauru. A partir daquele dia, todas as vezes que eu apontava na porta do bar, o Cabral gritava pro Paulo: sai um Bauru!!!...foi dali que surgiu o meu apelido... BAURU

Lembrei-me agora de outros bares que frequentei naquela época...Club Bar, bar do Zé Mattos, bar do Toninho, bar Sete Ouros, bar Avenida...etc.,etc.,etc... Depois vieram outros... Em Guará era o Bar Pequeno, o Bar do João (existem até hoje), A Mundial e o Bar do Pedrão (foi lá que o Barnabé tomou a sua última cervejinha). Em Ubatuba o Império...e lá em Poço Fundo, em Minas Gerais, o Bar do Tonho, onde uma placa colocada na parede, por sinal, atualíssima, dizia: AQUI SE REÚNEM CAÇADORES, PESCADORES, POLÍTICOS E OUTROS MENTIROSO...

Raimundo Botelho

DO PRIMEIRO BAILE NUNCA SE ESQUECE

Já falei dos bares... Agora vou falar dos bailes e, também, do primeiro baile a gente nunca esquece... O meu foi em 1959, na formatura do Curso Científico concluído no Colégio de Itajubá e realizado no Clube Itajubense. Minha madrinha, (Terezinha, que saudades dela), nunca levou tanta pisada no pé quanto naquela noite. Depois daquele vexame eu resolvi aprender a dançar e fui lá pro "Nova Aurora" onde por mais que eu errasse o passo não conseguia pisar no pé da Geralda (que saudades dela também). A "escola de dança" funcionava nas terças-feiras e o Nova Aurora era divertidíssimo, frequentado por gente simples e muito bem humorada. Certa vez, lá chegando junto com a turma, por algum motivo que não me lembro agora, fomos barrados pelo porteiro. O presidente do Clube, o Mário Garcia, um tremendo gozador, veio lá de dentro para resolver o problema e disse para o porteiro: "Fique sabendo que aqui branco também tem vez!" Mas depois que eu fui jogar futebol no "Smart Football Club" eu era recebido lá com "tapete vermelho"...

Os bailes e as "brincadeiras dançantes" do "Diretório Acadêmico do IEI" merecem um capítulo a parte. Hoje só dá pra falar do dia em que lá se apresentou o maestro Sylvio Mazzuca. Sua orquestra era tão badalada que o Daury, então "Diretor Social" do DA, só conseguiu contratá-la com oito meses de antecedência... e não pôde curtir aquela apresentação porque teve que ficar na portaria contendo a multidão. Tinha mais gente lá fora querendo entrar do que dentro do salão já lotado.

Um baile que não dá pra não lembrar foi no Club Itajubense, num 4 de outubro. Eu estava no Club Bar tomando uma cervejinha e resolvi subir porque a música do Biriba Boys estava boa demais pra se ouvir. Nem precisava dançar... E não é que lá chegando, vejo dançando uma "menininha" que estudava interna no Colégio das Irmãs e que eu só flertava quando ia lá no Colégio ensaiar a turma para o desfile de 7 de setembro? (eu tocava tarol na banda comandada pelo professor Surica, do Colégio de Itajubá). Pois bem...eu a convidei pra dançar, ela topou, e vejam só... estamos dançando até hoje!

A Mirian, minha "companheira de dança" de tantos anos, tem uma história de bailes que precisa ser contada aqui. Após a sua formatura como professora, voltou pra sua terra, Poço Fundo, e foi lecionar no Grupo Estadual de lá. Acabou por assumir a Diretoria da Caixa Escolar e para arrecadar fundos para atender as necessidades dos alunos carentes, criou um "baile de formatura", realizado todo final de ano. Eram homenageados os formandos da cidade, que haviam concluído cursos secundários e alguns diplomados por escolas superiores (Engenharia em Itajubá, Direito em Pouso Alegre, Medicina em Belo Horizonte, Odontologia e Farmácia em Alfenas, etc.). Pois bem...era ela quem contratava o conjunto musical para tocar no baile e a preferência era por um grupo de Alfenas, o W's Boys. Ao negociar o contrato com o Waguinho, fazia uma exigência: o "crooner" teria que ser o Bituca. Pois bem, vejam só como é o mundo... Waguinho era o Wagner Tizo e Bituca... o Milton Nascimento...

Raimundo Botelho